

8. LACAN, Jacques. *Le Seminaire II – Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
9. LHERMITTE, Jean. *L'Image de Notre Corps*. Paris: L'Harmattan, 1998.
10. MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Institution, la Passivité*. Paris: Belin, 2003.
11. \_\_\_\_\_. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1967.
12. SCHILDER, Paul. *The Image and Appearance of the Human Body – Studies in the Constructive Energies of the Psyche*. New York: International Universities Press, 1950.
13. WAELHENS, Alphonse de. *Une Philosophie de l'Ambiguïté – L'Existentialisme de Maurice Merleau-Ponty*. Louvain ; Paris : Publications Universitaires de Louvain; Éditions Beatrice-Nauwelaerts, 1968.

### Proust in the light of Freud – Merleau-Ponty's reading

**Abstract:** I attempt to approach in a short way how Merleau-Ponty, differing from the French tradition, reads Proust in the light of Freud, what allows him to insist on a fundamental problem of his phenomenology: the temporality. To deal with this, I will perform an inquiry of the possible intersection of the case of the phantom limb with the notion of sedimentation described by the philosopher. With this proceeding, we will understand Merleau-Ponty's appeal to Proust's written, specially to his concept of "time". We will realize, however, that this appeal is largely in interface with notions of Freud's clinic.

**Keywords:** lost time; sedimentation; temporality; phantom limb; phenomenology

### NOTAS

1. Trata-se de pensar no método da arqueologia moderna: conservar e destruir (Chaves 3, p. 39).

---



---

## A VISÃO COMO ABERTURA

---



---

Alex de Campos Moura\*

**Resumo:** Este texto pretende propor um breve comentário sobre o início do ensaio *O Olho e o Espírito* de Merleau-Ponty. Fazendo um recorte no movimento mais amplo de reconfiguração ontológica sugerido no ensaio, busca-se aqui indicar como a análise do corpo feita pelo filósofo aponta já para um outro tipo de ser, conduzindo ao reconhecimento de uma imbricação interna entre o subjetivo e o objetivo. Procura-se mostrar que o corpo já revela a estrutura reversível que se reconhecerá em todo o percebido, marca da ontologia de Merleau-Ponty assentada na relação entre o visível e o invisível.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty, ontologia, corpo, reversibilidade, visível

Nesta apresentação, procuraremos fazer um breve comentário sobre o ensaio *O Olho e o Espírito* de Merleau-Ponty. Última obra publicada em vida pelo filósofo, este texto retoma sua discussão a respeito da pintura e de suas possíveis implicações filosóficas, sobretudo na formulação de uma ontologia capaz de escapar da alternativa exclusiva entre o subjetivo e o objetivo<sup>1</sup>.

Tema constante ao longo dos trabalhos de Merleau-Ponty, a pintura ocupa desde o início um importante papel em sua reflexão filosófica. Ela aparece, por exemplo, na *Fenomenologia da Percepção*, apontando para um sentido que se mantém vinculado ao percebido e para uma síntese não posicional que permanece atada à estruturação interna dos elementos com os quais opera, aquém da cisão entre a atividade do sujeito e a passividade do objeto<sup>2</sup>. Já ali, portanto, segundo nossa leitura, inserida no projeto mais amplo do autor de uma reformulação ontológica.

Isso nos permite supor que o ensaio, na medida em que retoma esse projeto mais geral, desdobra algo que já vinha sendo trabalhado pelo filósofo, prossegue acentuando uma direção de pensamento já operante. Evidentemente, essa afirmação demanda um trabalho que a comprove. Seria preciso, por exemplo, de um lado mostrar a presença dessa temática no início da obra de Merleau-Ponty, e de outro indicar de que maneira

---

\* Doutorando USP.

textos como *O Olho e o Espírito* se vinculam a esse primeiro período e não apenas a textos de sua fase “intermediária”, como *Signos* e *A Prosa do Mundo*. A exposição desse trabalho – que estamos procurando desenvolver em nossa pesquisa – tomaria um tempo bem maior do que o que dispomos nesta apresentação.

Aqui, o que pretendemos trabalhar é um recorte bastante breve nesse percurso mais amplo de reconfiguração ontológica: o movimento inicial do ensaio *O Olho e o Espírito*, no qual Merleau-Ponty recorre ao corpo para começar a afastar-se da noção clássica de sujeito e objeto. Longe de uma análise completa, o que apresentaremos é o início da demarcação de uma problemática, apenas entrevendo algumas questões que um estudo mais amplo do ensaio pode trazer.

*O Olho e o Espírito* inicia justamente pela afirmação desse projeto mais geral em que suas descrições se inserem, retomando o propósito de recusar a ontologia implícita pela ciência de sua época (Merleau-Ponty 1, p.275). Recuperando mais uma linha constante em sua obra, Merleau-Ponty constrói seu argumento partindo da relação entre ciência e ontologia, problema de que se ocupava desde a *Estrutura do Comportamento*, obra que partia das descobertas da ciência para formular um tipo de estrutura capaz de se oferecer como “terceiro gênero de ser”, escapando da cisão entre o ser em si e o ser para si (Merleau-Ponty 2, p.201). A relação entre as duas áreas é também trabalhada, por exemplo, no comentário do filósofo sobre o Grande Racionalismo característico do século XVII, momento da história em que segundo ele ciência e metafísica encontraram um fundamento comum e, sobretudo, em que o objeto da ciência deixou de ser tomado como cânone da ontologia (Merleau-Ponty 3, p.417), fazendo com que o Ser deixasse de se reduzir ao que dele falava o saber científico.

É quase em seu oposto que se coloca o cenário científico descrito por Merleau-Ponty no início de *O Olho e o Espírito*. Voltando ao ensaio, ali é afirmado que a ciência manipula os objetos e renuncia a habitá-los, constrói modelos, propõe teorias e as faz passar livremente de um campo a outro, de uma ordem de objetos a outra. Ela se torna, podemos supor, pensamento abstrato ou formal, razão instrumentalizada que domina seu objeto recusando toda interioridade deste, “pensamento de sobrevôo” como afirma constantemente o filósofo. Operando fora do objeto, esse pensamento recusa e mascara seu vínculo com aquilo de que fala, ou seja, constrói seu tema ao invés de explicitá-lo.

Livre exercício de uma razão abstrata sem lugar e sem tempo, a ciência opera tacitamente com o pressuposto ontológico de que o objeto é aquilo que é constituído pelo sujeito, constructo sem consistência própria, e de que o sujeito é a instância constituinte, fonte de toda significação e de todo sentido. Opera, pois, com a ontologia que separa sujeito e objeto, fazendo do segundo não mais que uma expressão do poder absoluto do primeiro.

Não é gratuito, pois, que o primeiro movimento de Merleau-Ponty em seu ensaio seja insistir na necessidade de repor esse pensamento aparentemente ilimitado em sua dimensão corporal e situacional, reconhecendo o “há prévio” que prescinde do poder constituinte do sujeito e do qual a ciência tenta a todo custo desvincular-se. Para isso, será central seu recurso ao corpo, estrutura difusa que se colocará entre o subjetivo e o objetivo, espécie de elemento híbrido que não se esgota em si, como o objeto, e não é fonte absoluta de toda constiuição, como o sujeito<sup>3</sup>. Como procuraremos sugerir aqui, o corpo começará a delinear a reversibilidade que a análise merleau-pontyana verá se desdobrar em todo o mundo percebido, marca intrínseca do visível e do invisível. Não se trata, pois, desse “(...) corpo possível do qual é lícito sustentar que é uma máquina de informação, mas sim esse corpo atual que digo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que, com meu corpo, despertem os corpos associados (...) que me assediam, que eu assedio, com quem eu assedio um só Ser atual, presente, como jamais animal assediou os de sua espécie, seu território ou seu meio” (Merleau-Ponty 1, p.276).

No original, o termo traduzido por assediar é “hanter”, no sentido de freqüentar e obsedar o espírito, tornar-se termo constante do pensamento e da mente, obsessão e fascinação. O interessante aqui é notar que quem responde por essa freqüentação, quem sai de si e se deixa capturar por outrem, não é um espírito cuja imaterialidade asseguraria sua completa ausência de limites, mas o corpo, tão logo ele se ponha a ver e a ser visto, isto é, tão logo ele exista no mundo<sup>4</sup>. Aberto e generalizado, é ele quem faz com que eu e o outro partilhemos um Ser comum, participemos de um mesmo solo e sejamos capazes de “passar” um no outro. O corpo começa a se revelar como uma estrutura reversível.

Isso significa, antes de tudo, que não estamos mais no campo de uma realidade objetiva e empírica, do corpo como objeto idêntico e fechado sobre si, coisa regida por uma causalidade mecânica cujas leis permitiriam total previsibilidade. Ao contrário, ele aqui

é abertura e passagem, dilatação e lacuna pelas quais o eu se ultrapassa e é ultrapassado. Frequentação, o corpo se aproxima da volubilidade do espírito, começando a embaralhar a suposta cisão entre um e outro, não sendo gratuito que ele seja definido por Merleau-Ponty precisamente como um “entrelaçado de visão e de movimento” (Merleau-Ponty 1, p.278), o que por si só põe em suspenso a noção tradicional do espírito como entidade absolutamente separada: “[Essa superposição] impede concebermos a visão como uma operação de pensamento que erguiria diante do espírito um quadro ou uma representação do mundo, um mundo da imanência e da idealidade. Imerso no visível por seu corpo, embora ele próprio visível, o vidente não se apropria daquilo que vê: só se aproxima dele pelo olhar, abre-se para o mundo. E, por seu lado, esse mundo, do qual ele faz parte, não é em si ou matéria” (Merleau-Ponty 1, p. 278).

Definindo o corpo como entrelaçado de movimento e visão, visibilidade móvel e situada, Merleau-Ponty encarna a visão e assegura, como veremos, sua estrutura cambiável, apresentando uma unidade que não aceita a diferença absoluta entre sujeito e objeto, e que reafirma por isso a impossibilidade da ontologia clássica.

Começamos pela encarnação do olhar. O vidente – estrutura corporal inserida em um mundo – por ser situado, não pode abarcar seu objeto, não pode ser concebido como saber absoluto, espírito em ato capaz de circunscrever na simultaneidade tudo o que lhe aparece. Ver não é possuir o visto de ponta à ponta, mas “ter à distância”, relação que preserva a ecceidade de seu termo. O sujeito não é posição, constituição de objetos claros e distintos.

Correlativamente, o objeto deixa de ser um constructo, o mundo deixa de ser uma matéria ou um em si ao qual meu gesto nada deveria, que nada diria às decisões do espírito, pois agora cada movimento se revela “seqüência natural e amadurecimento” da visão, isto é, prosseguimento de uma abertura que ele próprio não engendra, continuação que desdobra uma “ausência” que o impede de responder inteiramente por si. O movimento brota de sua relação espontânea com o mundo, conduzindo ao reconhecimento de uma dimensão ativa presente no próprio percebido<sup>5</sup>, uma significação intrínseca ao objeto.

A constatação do corpo como visibilidade situada implica portanto um outro sentido para o espírito e para o objeto. Mais ainda, ela implica uma estrutura híbrida entre ambos, articulação do passivo e do ativo. Trazido para o sensível, o sujeito vidente

se torna ele próprio uma estrutura visível, isto é, ele se torna sensível para si e para outrem, dotado de um “exterior” que o oferece à frequentação dos outros, que o torna passível e vulnerável, participante de uma visibilidade mais ampla e geral da qual não é o autor. O sujeito se descobre objeto.

Mas não se trata, recusado o espírito como entidade separada, de inseri-lo na pura objetividade, e o vidente não se reduz a uma coisa vista. Ele permanece ativo, isto é, esse visível é o mesmo que vê, o que é visto é o próprio vidente vendo. Eles não são, como seria preciso mostrar, exatamente o mesmo e não se trata de recusar a ontologia clássica recorrendo a uma filosofia da identidade<sup>6</sup>. Mas o que nos interessa nesse momento é que essa espécie de simultaneidade não identitária do ativo e do passivo faz com que não haja mais um atributo inequívoco capaz de separar completamente sujeito e objeto, aquele que age daquele que padece.

Levando ao extremo as conseqüências dessa estrutura reversível do corpo, é possível reconhecer como faz Merleau-Ponty que o visível e o vidente se fundem na dinâmica de uma mesma unidade. Se o corpo é ao mesmo tempo aquele que vê e que é visto, é preciso reconhecer que o visível é o próprio vidente, isto é, que o sujeito é objeto e vice-versa. Esse “é”, bem entendido, não compreendido no sentido de identidade ou de imanência, mas justamente como exigência de uma nova compreensão e de um novo sentido do ser, capaz de abarcar a diferença dos termos sem recair em sua mútua exclusão. É significativo, nessa direção, que os termos sujeito e objeto – que em nossa apresentação usamos justamente para explicitar sua insuficiência frente às descrições do filósofo – quase não aparecem mais no ensaio de Merleau-Ponty, ocupado justamente em encaminhar uma nova perspectiva ontológica. Voltando à nossa questão aqui, cabe indicar que é esse novo sentido do ser que a estrutura mista do corpo envolve, confirmando sua significação ontológica.

Assim compreendido, o corpo é capaz de ver-se vendo, de tocar-se tocando, ou seja, ele é capaz de realizar uma espécie de reflexão sobre si mesmo, operando o encontro (não identitário) entre o agente e seu objeto – assim como na Tradição o Cogito significava o encontro entre o ato de pensar e seu objeto pensado. Agora, porém, não é mais uma consciência desengajada o ser capaz de reflexionar-se, e sim o corpo, visível-vidente que reinventa a própria noção de “si”:

“É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa o que quer que seja assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciante no sentido – um si, portanto, que é tomado entre as coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro...” (Merleau-Ponty 1, p.279)

Nessa reviravolta, muito distante dos modelos intelectualistas clássicos, o si e o corpo se encontram. Mas o que se entende por esse “corpo-si”, por esse campo misto, é outra coisa do que poderia supor a Tradição. O corpo não é mais um conjunto de partes exteriormente ligadas, objeto vazio ao qual se ligaria de fora uma consciência; o espírito não é mais um puro ato sem vínculos com o mundo, capaz de apreender-se e de identificar-se a si. A “animação do corpo”, esse corpo-si que irradia e reflete no interior mesmo do mundo e do sensível – experiência reflexiva concreta e essência encarnada – nasce do entrecruzamento entre o subjetivo e o objetivo, entre o vidente e o visível, nessa estrutura difusa em que a ação e seu objeto se misturam e se trocam constantemente. Visível e móvel, o corpo é coisa e objeto. Vidente e auto-movente, ele é núcleo de ações e sujeito. É nesse espaço comum que o corpo se coloca, não por opor-se ao espírito e sim por ele próprio revelar-se espiritualizado, animado pelo “dom natural” de uma visão e de uma experiência que embaralham os lugares e os limites entre aquele que vê e aquele que é visto, entre sujeito e objeto.

O corpo abre, enfim, o campo de uma nova ontologia, cujo eixo, como procuramos indicar aqui, se encontrará na recusa da positividade e da mútua exclusão entre os termos com os quais opera, buscando na mediação dos opostos seu campo de ação. Ela intensificará, assim, o esforço constante do pensamento de Merleau-Ponty em sua tentativa de afastar-se da distinção clássica entre o ser como sujeito e o ser como objeto, indicação da necessidade de se formular um tipo de ser que compreenda ambos, sem recair em identidade ou cisão. Tomando como paradigma a reversibilidade da visão – simultaneidade do ativo e do passivo, do visível e do invisível – essa ontologia recorrerá ao “Ser bruto” para explicitar a comunicação interna entre unidade e diferença, entre o

sentido e a existência concreta. Não operará mais, portanto, com as noções de sujeito e objeto como realidades distintas, e sim com uma estrutura unitária e reversível que faz de um a afirmação indireta e implícita do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*, In: Os Pensadores, São Paulo: Abril, 1975.
2. \_\_\_\_\_ . *La Structure du Comportement*, Paris: PUF, 1990.
3. \_\_\_\_\_ . Partout et Nulle Part, In: *Signes*, Paris: Gallimard.

### The vision as openness

**Abstract:** This text intends to do a short comment about the beginning of Merleau-Ponty's essay *L'Oeil et l'Esprit*. Making a cutting in the largest movement of ontological reconfiguration suggested by the essay, we try to indicate here how the body's analysis done by the philosopher already points to another type of being, leading to the recognition of an internal relation between subject and object. We try to show that the body already presents the reversible structure that will be noticed in all perceived, mark of Merleau-Ponty's ontology based in the relation between the visible and the invisible.

**Keywords:** Merleau-Ponty, ontology, body, reversible, visible